



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio

www.voxinstituto.com.br

Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio.

Daniele Rosa Sanches¹

Um pai é, ou deveria ser, o signo da proibição – esta é a proposta de Freud para o conceito de pai. A interdição fundamental à qual Freud se refere é a lei de proibição do incesto, considerada um marco universal que inaugurou as relações de civilidade. Não foi apenas Freud que pensava assim. Toda uma tradição da antropologia, majoritariamente guiada pelos estudos de Claude Lévi-Strauss², também sustenta a tese da universalidade da lei de interdição do incesto como condição inaugural dos laços sociais. Bem recentemente, alguns estudos antropológicos vieram a contradizer esta tese ao estudar sociedades baseadas em outras premissas de ordenamento que não a interdição do incesto³. Mas, nem Freud nem Lacan viveram o bastante para acompanhar o nascimento dessa nova antropologia.

Para a teoria freudiana, é fato inequívoco que a função do pai é, ou deveria ser, o signo da proibição. Freud sustenta esse argumento de diferentes formas e em momentos diversos da obra. A teoria lacaniana assimila e mantém a mesma tese sobre o pai nos primeiros anos de ensino. Mas, uma fissura entre Freud e Lacan se abre a partir do *Seminário 7: A Ética da Psicanálise (1959/60)* – objeto de discussão do presente artigo⁴. No seminário em questão, um enigmático desafio conceitual é lançado por Lacan: a função paterna pensada através da sublimação. Redesenhar a função paterna à luz da noção de sublimação implica em rever as condições clínicas e possibilidades diagnósticas de outra forma.

Este artigo não trata de propor uma substituição de paradigma, mas, sim, de evidenciar como a função paterna passa a ser descrita por outras bases e, portanto, analisar um ponto teórico no qual Jacques Lacan transfere um conceito considerado universal (lei de proibição do incesto) para a categoria de particular.

¹ Daniele Sanches é psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP. Membro do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Contato: daniele_rsanches@hotmail.com

² LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural I* (1957). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

³ Refiro-me ao conceito de perspectivismo ameríndio do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro.

⁴ O presente artigo foi elaborado para ser apresentado nas Jornadas de Trabalhos sobre o “*Seminário 7: A ética da psicanálise*”, no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. Fevereiro/2021.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

Por que Lacan decide rever a função paterna no seio de um seminário dedicado à ética da psicanálise? Era dever ético desfazer um dos maiores engodos sobre o qual a teoria freudiana baseou a metapsicologia.

No início, forjamos um mito – a tese de Freud

Para Freud, a função do pai é portar e transmitir os signos da interdição à criança. Toda sua teoria do aparelho psíquico é erigida em torno dessa barreira de proibição entre o desejo e o objeto. A proibição torna-se um maestro regente e organizador da dinâmica inconsciente, inscrevendo a castração. Leituras clínicas se constroem a partir disso.

Os casos clássicos de Freud descrevem os efeitos sintomáticos que surgem tanto dos excessos, quanto da falta das insígnias da interdição. Ernest Lanzer, por exemplo, mais conhecido na literatura freudiana como o Homem dos Ratos⁵, sucumbe a uma grave neurose obsessiva traduzida por uma série interminável de proibições inconscientes. O pai dele está morto há décadas – descobre Freud, tardiamente – mas, ainda assim, aparece na fantasia inconsciente como um vivo obstáculo que impede Lanzer de ter acesso aos objetos que deseja. Todo o sofrimento desse paciente se passa como se fosse, em tempo integral, “proibido de”.

Por outro lado, as economias psíquicas com fragilizados traços da proibição possuem igual potencial de prejuízo ao sujeito. A carência dos signos da interdição paterna convoca sintomas que mimetizam interdições artificiais e afetam as relações do sujeito com a realidade. Tal é o caso da fobia, por exemplo. Objetos contingentes e, em certa medida, aleatórios, são artificialmente proibidos, afastados do sujeito em razão de um medo descabido. Hans tinha fobia de cavalos⁶. Supostamente, um objeto qualquer. Sob a ótica da fobia, Freud tratou da confusão psíquica instaurada numa criança quando os signos da interdição paterna hesitam em se inscrever. No caso de Hans, o campo materno que, em tese, deveria ser barrado, dispunha de passe livre para inventar uma realidade com a criança mediante a qual nem mãe nem filho precisariam ser privados de qualquer objeto. Ela mente, diz ao filho, que também tem um pipi. Desconfiado, mas submerso na falácia da completude e sem ajuda do pai para desfazê-la, o inconsciente de

⁵ FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). Vol. XI. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁶ FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). Vol. X. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

Hans o proibia de pisar na calçada da realidade. Lá havia cavalos, eles mordem, alguns têm pipi, outros não. Tudo muito incompleto por lá.

A neurose obsessiva, a fobia e outras condições clínicas podem ser localizadas na obra freudiana como conjuntos de sintomas advindos dos desajustes nos signos de proibição. Tais desajustes são plurais, possuem uma margem de erro que varia para mais ou para menos. Na neurose obsessiva, há proibição demais, na fobia, proibição de menos. Essa lente clínica é o efeito da metapsicologia freudiana que descreve o aparelho psíquico movido por uma busca aos objetos de satisfação. Justamente por isso, há a necessidade de introduzir proibições que regulem e ordenem o acesso aos objetos. Pelo caminho, substitutos ao proibido são encontrados e a pulsão se satisfaz neles. A lei de interdição promove uma equalização entre os dois princípios do funcionamento: o princípio do prazer e o princípio da realidade⁷. Quando os signos de interdição funcionam na economia psíquica do sujeito, então, sua pertença à realidade está mais assegurada. A busca pelo objeto de satisfação, sem qualquer interdição, pode levar à condição delirante. A inscrição das insígnias da interdição ocorre de forma processual. A restrição de acesso ao objeto é vivido como experiências de privação, frustração e castração. Diferentes nomes da proibição ao objeto.

Por fim, o lugar do pai, enquanto sinônimo da lei de proibição, ganha sua maior expressão na teoria freudiana na referência à tragédia de Édipo⁸. Édipo é aquele que matou o pai e casou-se com a mãe, sem saber do proibido. Na tragédia grega, o lugar do pai era completamente desconhecido pelo filho. Laio não constava na cena como pai, tampouco como marido no leito da mãe. A saga edipiana funciona, para Freud, como uma espécie de advertência. Quando o lugar do pai, enquanto suporte do proibido, está obscuro na cena, então, há riscos de o desejo ser vivido como uma experiência trágica.

Apesar de todas estas elaborações, a grande contradição legada pela obra freudiana é que o homem Sigmund Freud não acreditava no Pai, nem como ponto de origem de filiação, tampouco como origem da lei proibição. Freud era um ateu. Renunciava e criticava todas as religiões que apostavam suas fichas no pai. Para Freud, o ‘Deus pai todo poderoso’ do universo cristão, figura que proíbe e autoriza, é uma obra de

⁷ FREUD, S. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental (1911). Vol. XII. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁸ SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

ficção. Na condição de judeu, Freud foi ainda mais longe na crítica. O Moisés de Freud é descrito como um homem, com ambições, incoerências e notáveis defeitos de caráter. Freud recolheu, nos fatos históricos, elementos contundentes o suficiente para provar que não houve apenas um, mas sim dois Moisés. O primeiro era egípcio e, como tal, marcado pelo politeísmo. O segundo, um madianita, que nunca esteve no Egito⁹. Na visão de mundo do homem Sigmund Freud, colocar um pai na função de origem da criação e suporte da lei é forjar uma lenda, uma obra de ficção. Entretanto, para o clínico Freud, pensar o pai como signo da proibição é condição absoluta ao ordenamento inconsciente. Eis aí a contradição que o mito de *Totem e Tabu* (1913) tenta solucionar. A verdadeira tese freudiana sobre o Pai é: no início, não há um pai, mas precisamos supor um. Ainda que seja um mito de pai.

O mito do pai da horda primitiva é esta suposição teórica inventada, forjada, para ser o suporte de uma função de proibição que Freud considerava condição necessária à saúde do aparelho psíquico.

Lacan com Freud

Jacques Lacan seguiu Freud, comprou e redobrou a aposta sobre a função paterna como sinônimo da proibição ao incesto, formalizando esta tese em termos estruturais. A releitura estrutural salvou a metáfora do Édipo e o mito do pai totêmico do obscurantismo, transformando-as em suposições lógicas, tal como uma equação matemática que define um $F(x)$. Tentando remodelar Freud, através da grade simbólica do antropólogo Claude Lévi-Strauss, a primeira providência adotada por Lacan foi teorizar a função do pai como significante e não como signo da interdição. O significante em questão: o Nome-do-Pai. Nesta formalização, a tese de Lacan dispensa a margem de erro para mais ou para menos, não considera os desajustes, mas sim a presença ou ausência da inscrição do significante paterno na constituição do sujeito. Quando a função paterna incide na subjetividade da criança, então, o Nome-do-Pai inscreve-se, a cadeia significante é regida de modo ordenado. O campo das permissões e proibições objetais organizam os vetores responsáveis pela imagem de formação do Eu, bem como da fantasia inconsciente, através da qual cada sujeito irá localizar seu lugar de existência no mundo (Esquema R)¹⁰.

⁹ FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo: três ensaios* (1938). Vol XXIII. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁰ O Esquema R localiza-se na página 559 dos Escritos (1966). Vide referências.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

Entretanto, quando a função paterna fracassa, o Nome-do-Pai fica foracluído, a cadeia significante desliza de forma irrestrita. O delírio se instaura como destino trágico a uma subjetividade sem interditos, formalizada por Lacan como uma assíntota aberta ao infinito (Esquema I)¹¹. Essa síntese formaliza a primeira teoria lacaniana da constituição do sujeito, publicada no relatório *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957/58)*.

O imenso valor clínico que esse relatório possui, entretanto, não impediu Lacan de desconfiar das limitações diagnósticas que carregava. A lógica binária da presença ou ausência do significante paterno teve por consequência dividir a humanidade em apenas duas possibilidades diagnósticas. Na presença do Nome-do-Pai, então, neurose. Na ausência, psicose. Terceiros excluídos. Não por coincidência, Jacques Lacan não faz qualquer esforço para se referir ou introduzir seus Esquemas (R e I) nos próximos seminários.

O esquematismo binário não ganha espaço nos seminários posteriores, pois era preciso recuar e reinventar um conceito de função paterna que fosse capaz de acomodar melhor a amplitude e a complexidade diagnóstica de casos que não obedeciam aos padrões freudianos da neurose. A partir do *Seminário 7: A ética da psicanálise (1959/60)*, a noção freudiana de pai começou a ser desmontada em suas premissas mais fundamentais.

Lacan parece estar disposto a desnudar o véu que Freud insistiu em manter. A psicanálise deveria continuar a teorizar os mitos que encobrem o vazio ou começar a despir-se deles para teorizar o vazio enquanto tal? O real começava a bater à porta do ensino, demandando ser melhor formalizado. Para isso, era preciso a psicanálise desfazer-se do engano fundamental sobre o qual se ergueu.

Das Ding e o interdito

Das Ding é originalmente o que chamamos de o fora-do-significado
Jacques Lacan (1959/60, p. 70)

Freud fez uma metapsicologia de um aparelho psíquico que pressupõe a existência do objeto na origem. Para Freud, o objeto existiu. E, depois da primeira experiência de

¹¹ O Esquema I localiza-se na página 578 dos *Escritos* (1966). Vide Referências.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

satisfação, este objeto teria sido perdido, para sempre. No ano dedicado à ética, Jacques Lacan anuncia que discorda desse equívoco freudiano:

Das Ding deve, com efeito, ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência a reencontrar que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto. Esse objeto, observamos bem, não nos é nem mesmo dito. Podemos aqui dar todo valor a uma certa crítica textual, cujo apego ao significante parece por vezes ter uma forma talmúdica – é notável que o objeto em questão não seja articulado por Freud em parte alguma. Da mesma forma, esse objeto, pois trata-se de o reencontrar, nós o qualificamos de objeto perdido. Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se, essencialmente, de reencontrá-lo (Lacan, 1959/60, p. 74)

O objeto primordial, aquele que Freud via a necessidade de proibir, nunca existiu. Lacan começa a desfazer o engodo, confrontando Freud com o próprio Freud e, por isso, busca o conceito de *Das Ding* como pivô da discussão. Dedicou sete aulas de seu seminário para introduzir o tema da Coisa. Lá onde Freud viu um objeto, Lacan viu o vazio. “Pois esse *Das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído”. (Lacan, 1959/60, p. 89)

As aulas densas em torno do conceito de *Das Ding* começam a circunscrever no ensino um ainda insipiente campo do real, desde uma perspectiva sobre a qual o velho Freud não estava advertido. O objeto, suposto perdido, nunca esteve lá. Portanto, a função de interditar tal objeto é também uma necessidade mítica de Freud e não, da psicanálise. Em momentos posteriores do ensino, Lacan chega a dizer que a tese edipiana foi um sonho de Freud. De fato, Freud sonhou a presença de um objeto na origem e, então, obrigou-se a ilusionar o mito que o interditava: o pai. A mitologia freudiana não se resume ao pai totêmico, mas, sim, ao circuito todo. Freud forjou um pai lá onde não havia um, para fazer constar a interdição onde nunca houve objeto a ser interditado.

O rei está nu!

O vazio torna-se pauta ética da psicanálise. O seminário em questão descortina o ponto mais básico da metapsicologia freudiana, a presunção da existência do objeto. Desde que o objeto conste na teoria psicanalítica como inexistente, haveria razão para essa teoria continuar a sustentar a necessidade de uma função que proíba o objeto que não existe? Xeque-mate à função do pai.

O objeto não existe e esta é a interdição primeira. O acesso ao objeto é impossível; assim, há uma interdição de saída. Resta saber por qual via esta interdição se inscreve no

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

sujeito. Ou seja, a lei do ‘não acesso ao objeto’ continua em voga, mas abre-se a uma nova possibilidade de significação. O interdito já não mais é, necessariamente, o equivalente do proibido.

Em sua habilidade única de retorcer as significações atrás dos significantes, sem fazer alardes, Lacan inicia o processo de desmontagem da noção de interdição como sinônimo de proibição. A queda da presunção de um objeto provoca a imediata queda de outra tese antropológica: a universalidade da lei de proibição do incesto. Se há uma lei universal, esta não é a lei de “proibição a”, mas sim a lei do “vazio de”. São duas maneiras diferentes de teorizar a lei do não acesso ao objeto. Duas faces diferentes da castração, não necessariamente equivalentes entre si. A proibição é um modo particular de inscrição da castração, mas não universal. Há outros meios.

A noção de interdição deixa de ser condicionada à lei do proibido e abre a possibilidade de ser agenciada pela lei do vazio. Redesenhar a inscrição da castração pelo vazio e não pela proibição implica em fazer reformas conceituais em uma teoria do sujeito lacaniano que, até então, havia sido formalizada sobre o pilar da proibição. Na metapsicologia freudiana, os signos do proibido sempre foram inscritos no inconsciente por um mecanismo bem específico: o recalque¹². É a operação de recalçamento que inscreve a relação objetal da criança pelos índices do proibido (privação, frustração e castração). Esta tese é tão difundida no meio cultural que, até mesmo os que não são psicanalistas sabem que, para Freud, o proibido sucumbe ao recalque. A clássica tríade de sofrimento distribuída entre inibição, sintoma e angústia¹³ revela o itinerário de retorno do recalcado. Portanto, em Freud, é impossível conceber a noção de interdição desvinculada do mecanismo de recalque. O recalque é o escrivão da proibição no aparelho psíquico. Para Freud, o recalque é o meio através do qual a função proibitiva do pai se inscreve no inconsciente.

Desligar a noção de interdição do vínculo sempre pressuposto com a lógica da proibição é deixar de condicionar a inscrição da função do pai ao mecanismo de recalque. Mas, haveria algum outro mecanismo através do qual a função do pai poderia operar no inconsciente? Lacan tem um palpite: o mecanismo da sublimação. O desafio conceitual está lançado no *Seminário 7*:

¹² FREUD, Sigmund. Repressão (1915). Vol. XIV. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹³ FREUD, Sigmund. Inibições, Sintoma e Ansiedade (1926). Vol. XX. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

Introduzir a função do pai como primordial representa uma sublimação. (Lacan, 1959/60, p. 173)

Função do pai e sublimação

A proposta de a função do pai representar uma sublimação contorce tudo que a psicanálise sabia, até então, sobre a função do pai. Até ali, a função do pai representava um recalque.

O problema teórico é complexo, além de dissociar a função do pai como exclusividade do proibido, a própria noção de sublimação é obscura. “Uma retomada de toda teoria analítica de ponta a ponta mostra a *extraordinária dificuldade* que existe em se utilizar a noção de sublimação na prática sem chegar a contradições que pululam nesse texto” – afirma Lacan (1959/60, p. 136, *grifo nosso*).

A ‘extraordinária dificuldade’ em definir o que é a sublimação leva Lacan a dedicar 6 aulas seguidas ao que ele chama de “o problema da sublimação”¹⁴. O problema é exatamente tratar-se de uma modalidade diferenciada de satisfação da pulsão que não se confunde com o recalque:

A sublimação nos é apresentada como distinta dessa economia de substituição, onde se satisfaz habitualmente a pulsão na medida em que é recalçada. O sintoma é o retorno, por via de substituição significante, do que se encontra na ponta da pulsão como seu alvo. É aqui que a função de significante adquire toda sua importância, pois é impossível, sem colocá-la em jogo, distinguir o retorno do recalcado da sublimação como modo de satisfação da pulsão (Lacan, 1959/60, p.135)

O recalcado incide sobre o significante e sobre seus significados. Portanto, se *Das Ding* é o fora-do-significado, então, o recalque não incide sobre *Das Ding*. *A Coisa* inscreve-se na economia psíquica não pelo recalque, mas por intermédio da sublimação – esta é a tese que Lacan tenta elaborar. A sublimação é um enrosco teórico, pois é essencialmente definida por Freud pela via da negativa. A sublimação desvia o alvo da pulsão, mas não é considerada uma “satisfação substitutiva”, também não equivale ao retorno do recalcado, não é uma operação de formação de um sintoma, também não é uma

¹⁴ “O problema da sublimação” é o título de uma seção interna ao *Seminário 7: A ética da psicanálise* (1959/60). (p.109- P.197).

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

idealização nem tampouco uma identificação – o catálogo das negativas lembrado por Lacan é extenso¹⁵.

Por fim, na aula de 20 de janeiro de 1960, Lacan decide oferecer sua definição da sublimação: “E a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – *ela eleva um objeto* – e aqui não fugirei às ressonâncias de trocadilho que pode haver no emprego do termo que vou introduzir – *à dignidade da Coisa*” (Lacan, 1959/60, p. 137, *grifos nossos*).

A fórmula geral da sublimação, definida como uma operação que *eleva um objeto à dignidade da Coisa*, continua cifrada, um enigma. Para tentar explicitá-la, Lacan recorre a uma lembrança pessoal da coleção da caixa de fósforos colocada acima da lareira, na casa de um amigo. A coleção de caixinhas capturava o olhar de forma fascinante:

Creio que o choque, a novidade, do efeito realizado por esse ajuntamento de caixas de fósforos vazias – esse é o ponto essencial – era de fazer aparecer isto, no qual talvez nos detenhamos demasiadamente pouco, é que a caixa de fósforos não é, de modo algum, simplesmente um objeto, mas pode sob a forma de *Erscheinung*, em que estava proposta sua multiplicidade verdadeiramente imponente ser uma Coisa. (Lacan, 1959/60, p. 139)

Há um valor de arte na coleção. Arte não pela beleza ou pelo fascínio, mas, sim, por colocar em marcha a operação de sublimação como agente do efeito de captura. A sublimação envolve revelar um “vazio de objeto” através da criação de um objeto. A operação não é estática, é contingente ao instante que este objeto é colocado diante de uma das faces da pulsão – no exemplo de Lacan, seu olhar, a pulsão escópica. Uma interpretação rasa e apressada sobre a sublimação seria supô-la como equivalente a um mecanismo de ressignificação, ou seja, não se tratava ali de uma nova significação para as caixas de fósforos. Não é isso que a sublimação promove. A sublimação é uma exposição do objeto que, em ato, revela a inexistência de objeto – isso é elevar o objeto à dignidade da *Coisa*, a dignidade da Coisa está no vazio. O ato de criação de certos objetos tem a potência de revelar o vazio de objeto, no instante do encontro do objeto inventado com alguma face da pulsão – esta é a operação de sublimação. A sublimação é uma devota dos instantes. No encontro, o vazio vem para o plano da frente. É a existência do objeto que é destituída e não apenas a significação dele. É somente após esta operação de

¹⁵ Refiro-me às elaborações do *Capítulo VII: A pulsão e seus engodos* e ao *Capítulo VII: O objeto e a coisa*, ambos no *Seminário 7: A ética da psicanálise (1959/60)*

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

evidenciação do vazio, que uma nova significação pode vir em seguida, mas aí, trata-se de um segunda operação e retorna-se ao campo do recobrimento – um velho conhecido nosso.

O que está em jogo na sublimação é o instante em que uma criação de objeto registra, para um sujeito, um vazio de objeto. Todos os modos de recobrimento desse vazio são operações posteriores a esse instante. Na sublimação, da miragem do objeto inventado emerge *Das Ding*: “Entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e *das Ding* há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação” (Lacan, 1959/60, p.122).

O desafio teórico de elaborar a função do pai via sublimação é redesenhar a Lei de forma diferente da proibição. O vazio inacessível é lei? Em suma: “É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a Coisa senão pela Lei” – afirma Lacan (1959/60, p. 103).

Conhecer a Coisa pela Lei implica em ser a Lei um objeto inventado na função especial, um objeto elevado à dignidade da Coisa. Introduzir a função paterna à luz da noção de sublimação é uma função que revela ao sujeito *Das Ding*. A função do pai como representante de uma sublimação é, portanto, uma função que desvela e registra o vazio. “De qualquer maneira, o vazio permanece no centro, é precisamente nisso que se trata a sublimação” (Lacan, 1959/60, p. 158).

No início era o vazio – a tese de Lacan

Colocar o vazio no centro da constituição psíquica é teorizar uma função paterna que inscreve no sujeito a inacessibilidade ao objeto e não a proibição a ele. Adentramos o campo do impossível e não mais o campo do proibido.

Quais as implicações clínicas de pensar uma lei de interdição que inscreve no sujeito o vazio de objeto ao invés do objeto proibido? Do lado do proibido continuariam as clássicas neuroses freudianas, constituídas em torno dos problemas da proibição do objeto. Hans e Ernest Lanzer continuariam aí. De outro lado, uma lei de interdição que inscreve no sujeito o vazio de objeto, pode destinar certas complexidades subjetivas em que Freud nunca se deteve extensamente. Algumas das “indecifráveis” condições clínicas que apresentam paradoxos nas relações objetais poderiam ser lidas nessa perspectiva: melancolia, anorexias, adições e condições psicossomáticas, dentre tantas outras que fogem à narrativa edipiana. Colocar todas essas condições na conta da “psicose ordinária”

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

é deixar de assumir que o conceito de função paterna, a partir do seminário sobre a ética, foi ampliado a fim de sair da restrição da diagnóstica binária¹⁶. Sabemos que os anos posteriores do ensino irão ampliar essa discussão e obrigarão Lacan a formalizar os nomes-do-pai¹⁷ ao invés de operar com a restritiva tese da presença/ausência do Nome-do-Pai.

Elaborar a função do pai à luz da sublimação abre a possibilidade de Jacques Lacan, definitivamente, inscrever o pai em outro lugar que não seja o de um mito que preenche o vazio. Na medida em que tal função desvela o vazio e inscreve a impossibilidade de acesso ao objeto, então, a lei do interdito se instaura como outra premissa que não a do proibido. Seria, portanto, possível a um sujeito prescindir do pai proibidor e, ainda sim, ter um pai inscrito como função.

Aqui a ruptura com Freud torna-se irrevogável. Para Freud, o pai é um mito que vela e preenche o vazio com sua função de proibição. Para Lacan, o pai é o vazio. O vazio é a função do pai.

No início há um vazio. E este vazio nós nomeamos de Pai.¹⁸

Referências

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). Vol. X. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental (1911). Vol. XII. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintoma e Ansiedade (1926). Vol. XX. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo: três ensaios (1938). Vol. XXIII. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). Vol. XI. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁶ A crítica ao conceito de psicose ordinária como solução padrão aos casos non-standards foi desenvolvida com maior profundidade na tese de doutorado: SANCHES, Daniele Rosa. *Discursos diagnósticos pós-lacanianos: dos fundamentos em psiquiatria às teses sobre um novo sujeito* (2015). Universidade de São Paulo.

¹⁷ Lacan, J. Introdução aos Nomes-do-Pai (Aula de 20 de novembro de 1963). In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹⁸ O presente artigo é uma síntese parcial das elaborações desenvolvidas no seminário “Função Paterna e Leituras Diagnósticas” ministrado por Daniele Sanches no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, em 2020. As aulas desse seminário estão disponíveis na íntegra, de forma aberta e gratuita no canal do Vox do youtube ou pelo site: www.voxinstituto.com.br/instituto-vox-tv

SANCHES, Daniele Rosa: Função Paterna e Sublimação: da proibição ao vazio. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Comunicação Oral na Jornada de Abertura, Lacan: *Seminário VII*, realizada em 19-20;26/02/21.

FREUD, Sigmund. Repressão (1915). Vol. XIV. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957/58). IN: *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

Lacan, Jacques. Introdução aos Nomes-do-Pai (1963) IN: *Nomes-do-Pai*. (Trad. André Telles). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959/60)*. (Versão brasileira Antonio Quinet). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural I* (1957). (Trad. Chaim Samuel Katz & Eginardo Pires). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SANCHES, Daniele R. *Discursos diagnósticos pós-lacanianos: dos fundamentos em psiquiatria às teses sobre um novo sujeito*. (Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) Universidade de São Paulo. 2015, 191f.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.